

O FOSSO

DAS CATÁSTROFES

Como o caos
climático agrava as
desigualdades e
enriquece uma minoria

SÍNTESE



OXFAM

Agradecimentos

© Oxfam International Outubro de 2026

Esta publicação foi elaborada por Max Lawson, Astrid Nilsson Lewis, Alex Maitland, Joel Chester Pagulayan, Pubudini Wickramaratne e Mateo Adarve Zuluaga.

Apoio à investigação: Sarah Schöngart (ETH Zürich) e Anjela Taneja, Anthony Kamande (Oxfam)

A Oxfam agradece aos vários especialistas que contribuíram para este documento: Teresa Anderson (Action Aid), Philipp Bothe (Paris School of Economics), Lucas Chancel (World Inequality Lab), Kira Erwin (Ground Work), Alexander Gottlieb (Dartmouth College, EUA), Stephane Hallegatte (Banco Mundial), Sivan Kartha (Stockholm Environment Institute), Cornelia Mohren (World Inequality Lab), Laurie Parsons (University of London), Meena Raman (Third World Network) e Mark W. Roberts (ECO Policy Advisors).

A Oxfam reconhece os contributos de David Abudho, Francis Agbere, Carlos Aguilar, Miguel Alba, Mariana Anton, Kira Boe, Alex Bush, Rachel Carle, Pauline Chetcuti, Nafkote Dabi, Anouk Franck, Rod Goodbun, Victoria Harnett, Christian Hallum, Cass Hebron, Selma Huart, Didier Jacobs, Sian Jones, Anthony Kamande, Albertine de Lange, Josie Lee, Imogen London, Leah Mugehera, Adam Musgrave, Linda Oduor-Noah, Gabriel Olila, Martis Palencia, Mariana Paoli, Jacqueline Persson, Susana Ruiz, Joss Saunders, Rune Stahl, Anjela Taneja, Annie Theriault, Ceren Topgul, Nout van der Vaart, Deepak Xavier e Bertram Zagama.

Responsável pela encomenda: Pubudini Wickramaratne

Responsável pela publicação: Emma Kuria

Design: Nigel Willmott

Visualização de dados: Julie Brunet

Edição estrutural: Lucia Fry

Revisão de texto: Adam Houlbrook e Kathryn O'Neill

Este documento faz parte de uma série de documentos elaborados para contribuir para o debate público sobre questões relacionadas com as políticas de desenvolvimento e humanitárias. Para mais informações sobre as questões abordadas neste documento, envie um e-mail para advocacy@oxfaminternational.org.

Esta publicação está protegida por direitos de autor, mas o texto pode ser utilizado gratuitamente para fins de advocacia, campanha, educação e investigação, desde que a fonte seja devidamente indicada. O titular dos direitos de autor solicita que todas as utilizações desta natureza sejam registadas junto do mesmo para efeitos de avaliação do impacto. Para a reprodução em quaisquer outras circunstâncias, ou para reutilização noutras publicações, ou ainda para tradução ou adaptação, é necessário obter autorização, podendo ser cobrada uma taxa.

Fotografias da capa:

Uma porta aberta de um jato privado, fotografada ao pôr do sol. Fotografia: Halberman/istockphoto.

Alleppey, Kerala, Índia, 24 de agosto de 2018: uma equipa de salvamento ajuda as pessoas a sair de uma zona inundada. Fotografia: Jimmy Kamballur/istockphoto.

Visite <https://policy-practice.oxfam.org/copyright-permissions>.

A informação constante nesta publicação estava correta à data de impressão.

Publicada pela Oxfam GB para a Oxfam International ao abrigo do DOI: 10.21201/2026.000154 Oxfam GB, Oxfam House, 2600 John Smith Drive, Oxford, OX4 2JY, Reino Unido.

Os bilionários e os super-ricos estão a queimar carbono a um ritmo extraordinário: os 0,1% mais ricos, ou seja, 8 milhões de pessoas, têm mais emissões do que os 3,5 mil milhões de pessoas na base da pirâmide.¹ A poluição carbónica dos 1% mais ricos está a contribuir diretamente para o aumento de catástrofes climáticas, como inundações, incêndios, secas e crises alimentares. Estima-se que as suas emissões anuais causarão 1,9 milhões de mortes adicionais devido ao calor.²

Por sua vez, estas catástrofes climáticas não são vividas de forma igual. As catástrofes climáticas agravam as desigualdades e são também muito mais mortíferas devido a estas desigualdades. As mortes causadas por inundações, por exemplo, são sete vezes mais elevadas nos países mais desiguais.³

Caixa S1: Como os super-ricos alimentam o caos climático

1. **Os 0,1 % mais ricos** (8 milhões de pessoas) **a nível mundial emitem mais do que os 44 % mais pobres do mundo** (3,5 mil milhões de pessoas) **no seu conjunto**. Emitem mais do que o triplo das emissões de toda a população da África Subsariana (1,3 mil milhões de pessoas).
2. Uma pessoa dos **0,1 % mais ricos contribuiu 125 vezes mais do que a pessoa média para os episódios de calor extremo** e quase 400 vezes mais do que uma pessoa dos 50 % mais pobres.
3. **As emissões resultantes dos investimentos dos 1000 bilionários ascendem a 486 milhões de toneladas de CO₂e em 2025**. Se fossem um país, ocupariam o 19.º lugar entre os países mais poluentes do mundo, logo depois da Austrália e à frente da África do Sul.
4. **Apenas um ano de emissões dos 1 % mais ricos causará 1,9 milhões de mortes adicionais relacionadas com o calor**.
5. **Os 1 % mais ricos são responsáveis por 20 % do aquecimento global desde 1990**, 20 vezes mais do que a sua proporção da população mundial.
6. Uma pessoa dos **1 % mais ricos contribuiu 34 vezes mais do que a pessoa média para os episódios de calor extremo**, mais de 100 vezes mais do que uma pessoa dos 50 % mais pobres.
7. **Entre 2014 e 2050, 1 mil milhões de pessoas, cerca de 10 % da população mundial, terão sido deslocadas devido à crise climática**, e a maioria das pessoas deslocadas estará no Sul Global.
8. **As mortes causadas por inundações são sete vezes mais numerosas nos países mais desiguais**.
9. Prevê-se que o **mercado mundial de recuperação de catástrofes cresça de 70 mil milhões de dólares para 92 mil milhões de dólares por ano até 2029**, impulsionado cada vez mais por fenómenos meteorológicos extremos relacionados com as alterações climáticas.
10. O novo **“Índice Destruir e Reconstruir” da Oxfam** revela que os investidores super-ricos que apoiam os combustíveis fósseis e outras indústrias altamente poluentes também lucram com a preparação para catástrofes e com as operações de limpeza. **As empresas incluídas no Índice Destruir e Reconstruir obtiveram, em média, 1,8 mil milhões de dólares em 2025, distribuindo mais de mil milhões de dólares, em média, aos acionistas.**

As pessoas ricas podem proteger-se, pagando mais pelos alimentos ou mudando-se para locais mais seguros, mas a maioria das pessoas não pode fazê-lo. Além disso, a nova investigação da Oxfam mostra como os super-ricos também estão, na realidade, a lucrar com o sofrimento causado pelo clima, obtendo enormes lucros com os preços exorbitantes dos alimentos e lucrando com as catástrofes. Entretanto, as pessoas comuns, que são afetadas por choques climáticos consecutivos, têm muita dificuldade em recuperar. Estão mais expostas, mais vulneráveis e têm menos poupanças para reconstruir as suas vidas.

É possível quebrar este círculo vicioso. Podemos minimizar os danos humanos causados pelo colapso climático reduzindo as emissões das pessoas mais ricas, reduzindo radicalmente as desigualdades e garantindo que as medidas de adaptação às alterações climáticas centram a igualdade.

IMAGEM S1. EMISSÕES DOS 0,1 % MAIS RICOS DA POPULAÇÃO MUNDIAL



Segurança ameaçada

O ritmo da ação climática não tem sido suficientemente rápido para garantir que o aquecimento global não ultrapasse 1,5 graus. Esta ameaça é um alerta para a necessidade urgente de combater o consumo excessivo, chocante e desnecessário de carbono por parte das pessoas mais ricas do mundo. Se estas pessoas agissem agora para reduzir as suas emissões até à média, dariam ao mundo mais tempo para descarbonizar antes de os impactos climáticos se agravarem ainda mais.

Oito milhões de super-ricos poluem agora tanto como 3,5 mil milhões de pessoas

Porque as pessoas ricas consomem muito mais, também emitem muito mais. As suas várias casas enormes, os seus iates, os seus jatos privados, os seus carros, tudo isto faz com que as suas emissões de carbono sejam incomparavelmente superiores às de uma pessoa comum. A Oxfam tem calculado estas emissões desde 2015, em conjunto com o Stockholm Environment Institute (SEI).⁴ Este ano, uma nova análise destes dados revela que os 0,1% mais ricos, ou seja, 8 milhões de pessoas, emitem agora mais do que os 44% mais pobres (3,5 mil milhões de pessoas) em conjunto, o que equivale a quase metade da humanidade.⁵

O jet set que deixa o planeta a arder

Talvez não exista símbolo melhor de um consumo esbanjador de carbono por parte das pessoas ricas do que viajar de jato privado. Os jatos são utilizados apenas pelos 0,003% mais ricos da população mundial, cerca de 250 000 pessoas,⁶ predominantemente homens.⁷ Uma nova análise da Oxfam aos dados de monitorização de jatos privados e a investigação académica⁸ destaca como um pequeno número de pessoas desempenha um papel desproporcional na criação de emissões provenientes das viagens aéreas. As conclusões relativas a 2025 mostram que:⁹

- Os jatos privados emitiram 16 milhões de toneladas de CO₂; seriam necessárias 80 milhões de árvores para compensar estas emissões.
- Cada voo de jato privado causou, em média, 3,7 toneladas de CO₂, aproximadamente o que uma pessoa comum emitirá num ano.

IMAGEM S2. EMISSÕES DE JATOS PRIVADOS



Como homens brancos e ricos estão a levar o planeta à ruína

O sexismo e o racismo moldam as desigualdades económicas e, por sua vez, influenciam as pegadas de carbono. Os homens brancos¹⁰ estão desproporcionalmente representados nos escalões mais elevados de rendimento e riqueza, aqueles que estão mais associados a grandes pegadas de carbono. Pelo contrário, as mulheres, as pessoas racializadas e as pessoas não binárias estão entre aquelas com menor riqueza¹¹ e rendimento e, por conseguinte, com menor impacto climático.

As emissões das fortunas bilionárias que estão a queimar o planeta

Há alguns anos, no nosso relatório *Carbon Billionaires*,¹² a Oxfam foi uma das primeiras organizações a ir além da análise das emissões de consumo dos super-ricos e a tentar também estimar algo que é, indiscutivelmente, muito mais perigoso: a poluição carbónica dos seus investimentos e das empresas que detêm e controlam.

Esse trabalho analisou apenas as 125 pessoas mais ricas do mundo. Para este relatório, desta vez a Oxfam identificou investimentos de mais de 1000 bilionários em 1095 empresas. Concluímos que:¹³

- As emissões totais associadas à participação acionista¹⁴ dos 1000 bilionários ascendem a 486 milhões de toneladas de CO₂ e em 2025, o equivalente a ser o 19.º país mais poluente do mundo.
- Os 100 bilionários mais ricos têm as pegadas de carbono mais extremas, apresentando, em média, emissões associadas às suas participações acionistas de 4 milhões de toneladas de CO₂ e cada, o que significa que emitem mais carbono do que 3.78 milhões de pessoas em conjunto.
- 71% dos investimentos dos bilionários são classificados como pertencentes a “setores de elevado impacto climático”, como o petróleo, o gás ou os produtos químicos, que são os maiores poluidores.

Incêndios, inundações, fome e os super-ricos

O colapso climático está a acontecer agora. O clima está a mudar em todo o lado. Mais calor extremo, dias de 40 e 50 graus. Mais tempestades. Mais inundações. Mais incêndios florestais. Menos alimentos para colher, o que significa menos para comer, contas de supermercado mais elevadas e mais pessoas a passar fome.

IMAGEM S3. CONTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS MAIS RICAS PARA OS EPISÓDIOS DE CALOR EXTREMO



Com novos dados, a Oxfam pode, pela primeira vez, relacionar as emissões dos super-ricos com estes fenómenos meteorológicos extremos. Combinando os dados do SEI sobre desigualdade nas emissões de carbono com modelos de atribuição climática,¹⁵ conseguimos identificar a contribuição das pessoas mais ricas para o aumento da probabilidade de ocorrência de fenómenos de calor extremo. A Oxfam conclui que:

- Estima-se que as emissões de um ano dos 1% mais ricos causarão 1,9 milhões de mortes adicionais devido ao calor.¹⁶
- A poluição carbónica de uma pessoa dos 0,1% mais ricos contribuiu 125 vezes mais do que a da pessoa comum para os fenómenos de calor extremo que vemos atualmente em todo o mundo e quase 400 vezes mais do que a de alguém dos 50% mais pobres.¹⁷

A lucrar com a crise climática: como os super-ricos enriquecem com as catástrofes climáticas

Mesmo à medida que as consequências de um planeta que aquece rapidamente se tornam evidentes, os próprios agentes que mais contribuem para as alterações climáticas estão agora a aproveitar a oportunidade para transformar o caos em lucro. As pessoas abastadas procuram e exploram oportunidades para acumular ainda mais riqueza e poder a partir dos danos que causaram.

O mercado mundial de recuperação de catástrofes deverá crescer de 70 mil milhões de dólares para 92 mil milhões de dólares por ano até 2029, impulsionado cada vez mais por fenómenos meteorológicos extremos relacionados com o clima,¹⁸ crescendo a um ritmo muito superior à média.¹⁹



Os banhistas relaxam na praia de Moutchic, em Lacanau, no sudoeste de França, enquanto um enorme incêndio florestal deflagra nas proximidades, cobrindo o céu de nuvens de fumo. Foto: Maximilien Lamy/Getty Images

O negócio perfeito: lucrar com a destruição e com a reconstrução

Muitas vezes, são precisamente os mesmos grandes investidores que estão a obter enormes lucros com as empresas que alimentam as alterações climáticas e que, simultaneamente, estão a arrecadar quantias substanciais com as empresas que lideram as operações de limpeza na sequência de catástrofes. A Oxfam criou uma lista de 217 empresas que lucram com a criação de catástrofes climáticas, com a preparação para estas ou com a recuperação das mesmas. Chamámos a esta lista o índice “Destruir e Reconstruir”. A análise das participações acionistas nestas empresas revela que os grandes investidores estão a obter um duplo dividendo com as catástrofes climáticas: investem tanto nas catástrofes como na sua limpeza.

Seis grandes gestoras de ativos, incluindo a Vanguard, a BlackRock e a State Street, representam mais de um quarto de todas as empresas do índice “Destruir e Reconstruir”. A BlackRock e a Vanguard têm investimentos em 92% das empresas do índice: os investimentos totais das duas nestas empresas ascendem a mais de 1 bilião de dólares.²⁰

Nunca desperdiçar uma catástrofe

A recuperação após catástrofes abre muitas vezes caminho à implementação de outras agendas económicas favoráveis aos mais ricos, como a privatização dos serviços públicos, a apropriação de terras, a desregulação e os benefícios fiscais para os ricos e poderosos²¹. Para dar apenas dois exemplos, enquanto Porto Rico recuperava do furacão Maria em 2017, o governador aproveitou a oportunidade para privatizar a rede elétrica,²² o que levou a um aumento subsequente do número de cortes de eletricidade, incluindo um em abril de 2022, que deixou toda a ilha sem eletricidade.²³ Na sequência do furacão Irma, a reconstrução em Barbuda envolveu a substituição das zonas costeiras naturais e das zonas húmidas por residências de luxo e um campo de golfe, retirando o acesso ao mar a muitos pescadores de pequena escala e habitantes locais.²⁴

As catástrofes climáticas são máquinas de desigualdade

A desigualdade alimenta as catástrofes climáticas e, por sua vez, determina quem suporta o peso das suas consequências. Não existem catástrofes “naturais”; é a desigualdade que transforma fenómenos meteorológicos extremos em catástrofes climáticas, criando situações calamitosas para as pessoas comuns, enquanto permite que as pessoas ricas suportem os seus impactos com muito maior facilidade. Estudos mostram que, nos países mais desiguais, as catástrofes provocam um maior número de mortes, causam danos mais graves e afetam um número maior de pessoas.²⁵ As mortes causadas por inundações, por exemplo, são sete vezes mais elevadas nos países mais desiguais.²⁶

Ao mesmo tempo, o impacto do colapso climático atua como um multiplicador das desigualdades já existentes, porque as pessoas mais ricas da sociedade conseguem resistir melhor às tempestades (tanto em sentido literal como figurado) do que o resto da sociedade. Para as pessoas abastadas que vivem em casas grandes nos subúrbios arborizados de Lavington, em Nairobi, no Quênia, uma tempestade torrencial é um incómodo ruidoso, mas essa mesma tempestade pode rapidamente destruir as vidas e as casas das pessoas amontoadas sob os telhados de chapa da comunidade informal de Kawangware, a um mero quilómetro e meio de distância.

Os grupos de rendimentos mais baixos estão mais expostos às catástrofes climáticas, vivendo em locais com maior probabilidade de serem afetados. São também mais *vulneráveis*, vivendo, por exemplo, em habitações de baixa qualidade, ou tendo pior saúde ou empregos que implicam trabalhar ao ar livre. E têm menos recursos e poupanças que lhes permitam recuperar de uma catástrofe, o que os torna menos resilientes do que as pessoas mais ricas.

Por outro lado, a riqueza permite às pessoas mais abastadas viver em locais mais seguros ou ter locais para onde possam fugir (ver caixa S2 abaixo), viver em casas mais resistentes e menos vulneráveis ou trabalhar em espaços interiores, protegidas das condições meteorológicas. As pessoas mais ricas têm a possibilidade de investir em serviços e infraestruturas privadas, como geradores a diesel, fornecimentos de água potável e abrigos de emergência, bombeiros privados ou sistemas de proteção contra inundações. Conseguem fazer seguros dos seus bens contra danos e reservar recursos para os ajudar a atravessar uma crise, o que significa que conseguem reconstruir as suas vidas mais rapidamente.

Caixa S2. A migração dos “tech bros” bilionários

As pessoas ricas estão discretamente a juntar-se às fileiras dos migrantes climáticos. Os bilionários estão a comprar ilhas e a construir complexos fortificados e bunkers subterrâneos equipados com energia renovável, sistemas privados de abastecimento de água e produção de alimentos e segurança de alto nível, isolando-se das catástrofes climáticas.²⁷ Estas estratégias constituem uma forma de apartheid climático, à medida que os super-ricos usam a sua riqueza e poder para escapar às consequências das crises que ajudaram a criar.

Os bilionários da tecnologia estão cada vez mais na vanguarda desta tendência. Peter Thiel, o republicano libertário e financiador de Trump, cofundador do PayPal e antigo membro do conselho de administração do Facebook, voltou a sua atenção para o Hemisfério Sul em 2015, comprando uma propriedade isolada junto a um lago na Nova Zelândia por 4,5 milhões de dólares, onde tem tentado construir um bunker para o fim do mundo. A política rigorosa de imigração da Nova Zelândia parece não ter sido aplicada de forma consistente a indivíduos como Thiel.²⁸

As pessoas que vivem na pobreza podem possuir poucos bens de valor, mas a perda desses bens pode ter um impacto proporcionalmente muito maior. Perder uma bicicleta de que alguém depende para gerar rendimento é um golpe enorme para uma família pobre, em comparação com uma família rica que perde o seu segundo carro, mesmo que esse carro valha muito mais em termos monetários.

As catástrofes recorrentes apenas agravam este impacto e as diferenças de riqueza podem aumentar ao longo do tempo, porque a reconstrução, o valor dos imóveis e os novos investimentos beneficiam desproporcionalmente os grupos mais abastados e com melhores seguros. Um amplo estudo de painel realizado em 158 países entre 1995 e 2019 demonstrou que o aumento dos impactos climáticos estava associado ao aumento da desigualdade de rendimentos.²⁹

Caixa S3. Estudo de caso: incêndios florestais na Califórnia e desigualdade

No verão, os incêndios florestais devoram as florestas da costa oeste dos EUA. Só as pessoas ricas conseguem escapar à devastação que os acompanha. Os sistemas de alerta precoce avisam os mais ricos, que evacuam as suas mansões de helicóptero e mudam-se para hotéis de 5 estrelas, muitas vezes com as despesas de hotel pagas antecipadamente pelas suas seguradoras.³⁰ As seguradoras³¹ estão a cobrar prémios anuais de até seis dígitos por apólices de seguro, que normalmente só estão disponíveis para propriedades com um valor seguro superior a 1 milhão de dólares.³²

Em Altadena, uma comunidade de classe média historicamente negra e racializada, com uma tradição de propriedade imobiliária transmitida de geração em geração, muitos proprietários não têm seguro ou têm apenas uma cobertura parcial. Inúmeras famílias perderam as suas casas na vaga de incêndios florestais de 2025 e, com elas, a principal fonte de riqueza acumulada ao longo de décadas. Em desespero, muitos proprietários venderam as suas propriedades destruídas a empresas imobiliárias predatórias a preços reduzidos, sacrificando a segurança e os laços sociais associados à comunidade.³³

Para além das catástrofes: o impacto desigual da quebra da produção alimentar e do aumento dos preços dos alimentos

A desigualdade do colapso climático não se resume aos fenómenos meteorológicos extremos e às catástrofes. Diz também respeito aos impactos lentos, mas implacáveis, que se fazem sentir ano após ano, sobretudo na produção alimentar e nos preços dos alimentos. As chuvas chegam tarde, ou não chegam de todo, ou são excessivas; não o suficiente para provocar uma catástrofe, mas o suficiente para reduzir lentamente a quantidade de alimentos produzidos. Ao mesmo tempo, os preços dos alimentos continuam a subir, consumindo uma parcela cada vez maior dos rendimentos dos grupos de baixos e médios rendimentos, em todos os países do mundo.

Preços elevados dos alimentos e desigualdade

Os super-ricos muitas vezes nem sequer compram a sua própria comida ou, quando o fazem, podem nem sequer olhar para o preço do que estão a comprar. Isto deve-se ao facto de os custos dos alimentos representarem uma proporção muito pequena dos seus rendimentos; em contrapartida, para a maioria das pessoas e, em particular, para as que vivem na pobreza em todos os países do mundo, o custo da alimentação das suas famílias representa uma despesa importante, o que significa que os aumentos dos preços dos alimentos têm um impacto enorme e representam uma parcela maior das despesas dos seus agregados familiares (Imagem S4). As mulheres, os pequenos agricultores, os pescadores, os povos indígenas e as comunidades racializadas continuam a apresentar taxas desproporcionalmente elevadas de subnutrição e insegurança alimentar.³⁴

IMAGEM S4. DESPESA ANUAL COM ALIMENTAÇÃO VERSUS DESPESA TOTAL DE CONSUMO



Fonte: USDA Economic Research Service (2022); USDA Economic Research Service (ERS) (2023); USDA Economic Research Service (ERS) (2025) – com tratamento dos dados pela Our World in Data.³⁵

Os efeitos vão muito além da simples quantidade ou qualidade dos alimentos que chegam à mesa. Quando os alimentos representam uma parcela tão grande das despesas dos agregados familiares, os choques nos preços dos alimentos obrigam as famílias a fazer escolhas difíceis, por exemplo, dando prioridade à alimentação das crianças e dos homens em detrimento da das mulheres ou reduzindo as despesas com a educação ou os cuidados de saúde.³⁶ As pessoas mais abastadas, por outro lado, numa primeira fase, nem sequer sentiriam o impacto do aumento das despesas com a alimentação e, mesmo que o sentissem, poderiam compensá-lo reduzindo despesas não essenciais, como férias, alimentos de luxo e veículos.

IMAGEM S5. A INDÚSTRIA ALIMENTAR É DOMINADA POR BILIONÁRIOS CUJA RIQUEZA AUMENTOU DURANTE MÚLTIPLAS CRISES NAS CADEIAS ALIMENTARES



Os super-ricos também controlam e lucram com a alimentação

Um número muito reduzido e cada vez menor de pessoas abastadas, empresas e agentes financeiros está a alargar o seu controlo sobre uma parcela cada vez maior das terras agrícolas em todo o mundo. As explorações agrícolas com mais de 1000 hectares ocupam mais de metade das terras agrícolas do mundo, apesar de representarem apenas 0,1% do total das explorações agrícolas.³⁷ Os grandes proprietários agrícolas, com maiores recursos financeiros, estão também mais bem posicionados para investir em tecnologias avançadas, sistemas de irrigação e fatores de produção que aumentam a produtividade e melhoram a sua capacidade de adaptação. Os agricultores mais pobres e os trabalhadores agrícolas carecem frequentemente do capital necessário para fazer investimentos semelhantes, agravando as desigualdades em matéria de resiliência e adaptação.³⁸ As novas abordagens “inteligentes do ponto de vista climático” promovidas pela “grande agricultura” estão geralmente fora do seu alcance, agravando ainda mais as desigualdades.

Lucrar com a crise alimentar provocada pelas alterações climáticas

A escassez provocada pelas alterações climáticas pode ser usada como justificação para aumentar os preços para além do aumento dos custos de produção. Em 2024, fenómenos meteorológicos extremos afetaram as colheitas de cacau na África Ocidental, fazendo com que os preços subissem cerca de 231% face ao ano anterior, mas sem que os produtores de cacau obtivessem qualquer benefício.³⁹ Chuvas intensas na Indonésia e secas no Brasil e no Vietname em 2024 contribuíram para uma subida acentuada dos preços do café, com um aumento de 38,8% face à média do ano anterior.⁴⁰ As empresas de comércio de café, os intermediários nas cadeias de abastecimento, obtiveram enormes lucros em consequência disso.

A indústria alimentar é também dominada por bilionários, que são proprietários de algumas das maiores empresas alimentares do mundo. A sua riqueza aumentou em mais de 130 mil milhões de dólares desde 2020, em termos reais, à medida que lucram com múltiplas crises nas cadeias alimentares.⁴¹ A Cargill, uma das maiores empresas de comércio de produtos alimentares do mundo, conta agora com 21 membros da família entre os bilionários,⁴² contra 14 em 2019, antes da pandemia de Covid-19.⁴³

Principais medidas para construir um futuro justo e sustentável

Outro futuro continua a ser possível. Criar um mundo mais igualitário permitiria reduzir rapidamente as emissões, tornar os sistemas alimentares mais justos e resilientes e garantir que os sistemas públicos protejam as pessoas das crises e se adaptem aos efeitos das alterações climáticas. Alcançar esse futuro exigirá escolhas políticas arrojadas para limitar a riqueza excessiva e o poder das empresas, ao mesmo tempo que se investe na resiliência, nos direitos e nos meios de subsistência da maioria das pessoas. A igualdade climática deve agora tornar-se a base da ação climática.

A Oxfam **identificou cinco medidas que podem ser tomadas**, com a boa notícia de que muitas das recomendações políticas que sustentam estas medidas são as mesmas, proporcionando um duplo, triplo ou quádruplo benefício. Por exemplo, impostos muito elevados sobre os jatos privados irão: tornar as sociedades economicamente mais iguais, reduzindo a riqueza dos mais ricos; reduzir drasticamente a poluição carbónica; gerar receitas significativas que permitam aos governos de rendimentos elevados ajudar as pessoas comuns nos seus próprios países, bem como cumprir os seus compromissos de financiamento climático para com o resto do mundo; e, por fim, estas despesas tornarão, por sua vez, as pessoas comuns e as sociedades muito mais capazes de garantir que os fenómenos meteorológicos extremos não se transformem em catástrofes.

As cinco medidas são:

1. Reduzir as emissões poluentes de carbono dos super-ricos

Combater tanto as suas emissões de consumo como as suas emissões associadas às suas participações acionistas. Usar a tributação dos rendimentos e da riqueza dos 1% mais ricos para o efeito. Aplicar impostos punitivos a bens e atividades de luxo com elevadas emissões, como os jatos privados, para desincentivar a sua utilização. Aplicar impostos mais elevados à riqueza investida em indústrias altamente poluentes.

2. Disponibilizar muito mais financiamento para ajudar os países a adaptarem-se

Os países ricos que causaram a crise climática têm de disponibilizar o financiamento necessário ao resto do mundo para ajudar esses países a adaptarem-se e a fazer face às suas consequências. Podem obter este financiamento através da tributação das pessoas mais ricas e das empresas dos seus países, de modo a minimizar a pressão sobre os seus próprios grupos de baixos rendimentos. Utilizando estas receitas, devem, no mínimo, cumprir os compromissos assumidos de triplicar o montante de financiamento destinado à adaptação até 2035 e, de preferência, muito antes. Este financiamento deve assumir a forma de subvenções, e não de empréstimos, e ser disponibilizado através dos fundos climáticos das Nações Unidas.

3. Definir planos nacionais, com prazos definidos, para reduzir a desigualdade económica para níveis baixos

Está comprovado que os países economicamente mais igualitários são mais seguros, mais ecológicos e muito mais capazes de fazer face a choques climáticos como incêndios florestais, inundações ou secas. Tendo isto em conta, todos os países devem implementar planos e estabelecer metas com prazos definidos para alcançar níveis baixos de desigualdade de rendimentos e riqueza, em que o rendimento dos 10% mais ricos não exceda o rendimento dos 40% mais pobres.

4. Minimizar a exposição, reduzir a vulnerabilidade e garantir uma adaptação equitativa aos fenómenos meteorológicos extremos para construir sistemas alimentares mais justos e resilientes

A adaptação às alterações climáticas deve reduzir as desigualdades, em vez de reforçá-las. As políticas públicas devem minimizar a exposição aos riscos climáticos, reduzir a vulnerabilidade e reforçar a resiliência, sobretudo nas comunidades marginalizadas e expostas aos impactos climáticos. As políticas devem incluir uma proteção social abrangente, rendimentos garantidos, infraestruturas resilientes às alterações climáticas em todos os serviços públicos (como a educação e os transportes) e sistemas de alerta precoce e medidas de evacuação centrados nas pessoas. Fixar limites para os preços dos alimentos e investir na distribuição pública de alimentos. Garantir que os agricultores têm acesso a terras aráveis, sistemas de irrigação, bancos comunitários de sementes e outros fatores de produção. Redistribuir as terras, introduzir sistemas de governação fundiária centrados nas pessoas que reconheçam os direitos consuetudinários e coletivos de posse da terra e não permitir que as terras sejam desviadas da produção de alimentos para a produção de biocombustíveis ou para sistemas de compensação de carbono.

Caixa S4. As medidas de Cuba para fazer face aos furacões recorrentes

O compromisso contínuo de Cuba com a igualdade e a justiça social desempenhou um papel fundamental na construção das infraestruturas sociais e físicas do país para fazer face aos furacões recorrentes e reduzir a desigualdade dos impactos.⁴⁴ Como parte deste esforço, o país desenvolveu uma abordagem abrangente à preparação para catástrofes e à gestão dos riscos associados às tempestades tropicais, reconhecida pelas Nações Unidas e pela Cruz Vermelha.⁴⁵ Isto significa que, quando os furacões atingiram Cuba e outras ilhas vizinhas, registaram-se menos mortes e menos danos do que em países muito mais desiguais, como Porto Rico ou a República Dominicana.

5. Pôr fim ao capitalismo de catástrofe e ao aproveitamento económico do colapso climático

Os governos devem limitar o poder excessivo das empresas e garantir que a resposta às alterações climáticas dê prioridade às necessidades humanas e não aos lucros dos acionistas. Estas políticas incluem impostos permanentes sobre lucros extraordinários, limites aos lucros e limites aos preços, bem como a proibição da especulação. O poder das empresas deve ser reduzido através da desagregação dos monopólios. Ao mesmo tempo, todos os Estados devem dar prioridade a alternativas públicas.

Estes cinco passos, se forem implementados, contribuirão muito para quebrar o ciclo vicioso entre crise climática e desigualdade e construir um futuro sustentável e igualitário para as pessoas e o planeta.

**NOTAS
FINAIS**



- 1 Nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Estatística 2.1.
- 2 As mortes calculadas abrangem um período de 100 anos, atingindo um pico cerca de dez anos após as emissões. Este cálculo baseia-se no facto de as emissões de CO₂ atingirem o seu potencial máximo de aquecimento cerca de 10 anos após serem emitidas. Para mais informações, consulte a nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Estatística 2.5.
- 3 S. Lindersson, E. Raffetti, M. Rusca, L. Brandimarte, J. Mård and G. Di Baldassarre. (2023). “The Wider the Gap between Rich and Poor the Higher the Flood Mortality”. *Nature Sustainability*, 6, 995–1005. <https://doi.org/10.1038/s41893-023-01107-7>
- 4 N. Dabi, A. Maitland e A. Nilsson Lewis. (2025). *Pilhagem climática: Como um pequeno grupo poderoso está a condenar o mundo ao desastre* Oxfam International. Consultado em 2 de junho 2026. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/climate-plunder-how-a-powerful-few-are-locking-the-world-into-disaster-621741>
- 5 Nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Estatística 2.1.
- 6 S. Gössling, A. Humpe e J.C. Leitão. (2024). “Private Aviation is Making a Growing Contribution to Climate Change”. *Communications Earth & Environment*, 5, 666. <https://doi.org/10.1038/s43247-024-01775-z>
- 7 VistaJet e Wealth-X. (2018). *The Jet Traveler Report: The Global Perspective on Who Flies Privately and How*. VistaJet. Consultado em 1 de julho de 2026 em <https://www.vistajet.com/globalassets/documents/jettravelerreport.pdf>
- 8 S. Gössling e A. Humpe. (2020). “The Global Scale, Distribution and Growth of Aviation: Implications for Climate Change”. *Global Environmental Change*, 65, 102194. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2020.102194>
- 9 Nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Secção 1.
- 10 E. Ischinsky e D. Tisch. (2023). “Women in the Global Super Rich. An Analysis of the Forbes World’s Billionaires List, 2010–2023”. *Australian Feminist Studies*, 37(114), 458–74. <https://doi.org/10.1080/08164649.2023.2243649>; B.I. Page, J. Seawright e M.J. Lacombe. (2018). *Billionaires and Stealth Politics*. University of Chicago Press.
- 11 L. Valentino e N. Yadon. (2023). “Intersectional Wealth Gaps: Contemporary and Historical Trends in Wealth Stratification among Single Households by Race and Gender”. *Socius*, 9, 1–17. <https://doi.org/10.1177/23294965221139845>
- 12 A. Maitland, M. Lawson, H. Stroot, A. Poidatz, A. Khalfan e N. Dabi. (2022). *Carbon Billionaires: The Investment Emissions of the World’s Richest People*. Oxfam International. Consultado em 1 de julho de 2026 em <https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-billionaires-the-investment-emissions-of-the-worlds-richest-people-621446/>
- 13 Nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Secção 3.
- 14 As emissões dos investimentos são calculadas atribuindo as emissões de Âmbito 1 e 2 de uma empresa à percentagem de participação que um bilionário detém nessa empresa: se um bilionário detiver 25% de uma empresa, então 25% das emissões são atribuídas à sua carteira de investimentos. Apenas foram incluídos investimentos superiores a 10%, uma vez que estes são considerados de “acionistas principais”, com maior influência sobre a direção e a estratégia da empresa.
- 15 Com base num estudo inovador: S. Schöngart, Z. Nicholls, R. Hoffmann, S. Pelz e C. F. Schleussner, (2025). “High-Income Groups Disproportionately Contribute to Climate Extremes Worldwide”. *Nature Climate Change*, 15, 627–33. <https://doi.org/10.1038/s41558-025-02325-x>
- 16 As mortes calculadas abrangem um período de 100 anos, atingindo um pico cerca de dez anos após as emissões. Este cálculo baseia-se no facto de as emissões de CO₂ atingirem o seu potencial máximo de aquecimento cerca de 10 anos após serem emitidas. Para mais informações, consulte a nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Estatística 2.5.
- 17 Nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Estatística 4.6.
- 18 P. Sisson. (11 de outubro de 2024). *Natural disasters are making a mess of America. Private equity wants the cleanup cash*. Sherwood News. Consultado em 2 de junho 2026. <https://sherwood.news/business/natural-disaster-clean-up-business-private-equity>
- 19 A.J. Stevenson. (26 de agosto de 2024). *Climate stocks storm past S&P 500*. Bloomberg. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.bloomberg.com/professional/insights/sustainable-finance/climate-stocks-storm-past-sp-500>
- 20 Nota metodológica do relatório “O Fosso das Catástrofes”, Secção 3 – Double dividend
- 21 N. Klein. (2014). *This Changes Everything: Capitalism vs. the Climate*. Simon & Schuster.
- 22 K. Aronoff. (24 de janeiro de 2018) *Puerto Rico governor seizes opportunity created by Hurricane Maria, plans to privatize electric power*. The Intercept. Consultado em 2 de junho 2026. <https://theintercept.com/2018/01/24/puerto-rico-prepa-opportunity-government-plans-to-privatize-electric-power>

- 23 J. Wilkins. (11 de novembro de 2022). *Puerto Rico's electricity nightmare was brought to you by privatization*. Progressive International. Consultado em 2 de junho 2026. <https://progressive.international/wire/2022-11-11-puerto-ricos-electricity-nightmare-was-brought-to-you-by-privatization/en>
- 24 Irish Centre for Human Rights. (2 de abril de 2025). *Barbuda: a case study in disaster capitalism and resistance*. Consultado em 2 de junho 2026. <https://ichrgalway.org/2025/04/02/barbuda-a-case-study-in-disaster-capitalism-and-resistance>
- 25 F. Cappelli, V. Costantini e D. Consoli. (2021). "The Trap of Climate Change-Induced "Natural" Disasters and Inequality". *Global Environmental Change*, 70, 102329. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2021.102329>; S. Lindersson et al. (2023). "The Wider the Gap between Rich and Poor the Higher the Flood Mortality", op. cit.
- 26 S. Lindersson et al. (2023). "The Wider the Gap between Rich and Poor the Higher the Flood Mortality", op. cit.
- 27 K. Guinness, G. Bollmer e T. Doig. (1 de março de 2024). *Billionaires are building bunkers and buying islands. But are they prepping for the apocalypse – or pioneering a new feudalism?* The Conversation. Consultado em 2 de junho 2026. <https://theconversation.com/billionaires-are-building-bunkers-and-buying-islands-but-are-they-prepping-for-the-apocalypse-or-pioneering-a-new-feudalism-223987>
- 28 H. Donnell. (29 de janeiro de 2017) *Silicon Valley super-rich head south to escape from a global apocalypse*. *The Guardian*. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.theguardian.com/technology/2017/jan/29/silicon-valley-new-zealand-apocalypse-escape>
- 29 S. Cevik e J.T. Jalles. (2023). "For Whom the Bell Tolls: Climate Change and Income Inequality". *Energy Policy*, 174, 113475. <https://doi.org/10.1016/j.enpol.2023.113475>
- 30 L. Smiley. (20 de setembro de 2018). *Private firefighters and five-star hotels: how the rich sit out wildfires*. *The Guardian*. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.theguardian.com/world/2018/sep/20/private-firefighters-wildfire-insurance-climate-change-capitalism>
- 31 ibid.
- 32 J. Boomhower, M. Fowlie, J. Gellman e A. Plantinga. (2024). *How Are Insurance Markets Adapting to Climate Change? Risk Classification and Pricing in the Market for Homeowners Insurance*. Documento de Trabalho n.º 32625. National Bureau of Economic Research. Consultado em 2 de junho 2026. https://www.nber.org/system/files/working_papers/w32625/w32625.pdf
- 33 T. Thrash-Ntuk. (17 January 2025). *Wealth will dictate LA fire recovery unless California learns from mistakes of past disasters*. Cal Matters. Consultado em 2 de junho 2026. <https://calmatters.org/commentary/2025/01/wealth-los-angeles-fire-recovery>
- 34 FAO. (2023). *The Status of Women in Agrifood Systems*. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. Consultado em 2 de junho 2026. <https://openknowledge.fao.org/items/ad0741f-9de2-4d09-ae68-b19cc871601a>; IPCC. (2019). *Special Report on Climate Change and Land. Chapter 5 – Food Security*. Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas. Consultado em 28 de julho de 2026 em <https://www.ipcc.ch/srccl/chapter/chapter-5/>
- 35 Our World in Data. (2023). *Porcentagem das despesas de consumo destinada à alimentação, 2023*. Consultado em 29 de julho de 2026 em <https://ourworldindata.org/grapher/share-of-consumer-expenditure-spent-on-food>
- 36 FAO. (2008). *High Food Prices and Food Security*. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.fao.org/4/i0291e/i0291e03.pdf>
- 37 FAO, International Land Coalition (ILC) e Centre de coopération internationale en recherche agronomique pour le développement (CIRAD). (2026). *The Status of Land Tenure and Governance*. Consultado em 4 de junho 2026. <https://openknowledge.fao.org/bitstreams/b207367a-880e-412a-afdd-955fa943a518/download>
- 38 Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola. (22 de abril de 2026). *In Benin, rural finance drives resilience and growth*. Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.ifad.org/en/w/rural-voices/in-benin-rural-finance-drives-resilience-and-growth>
- 39 I. Lahiri. (28 de março de 2024). *Cocoa prices rise to fresh records: will we run out of chocolate?* Euronews. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.euronews.com/business/2024/03/28/cocoa-prices-rise-to-fresh-records-will-we-run-out-of-chocolate>
- 40 FAO. (14 de março de 2025). *Adverse climatic conditions drive coffee prices to highest level in years*. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. Consultado em 2 de junho 2026. <https://www.fao.org/newsroom/detail/adverse-climatic-conditions-drive-coffee-prices-to-highest-level-in-years/en>
- 41 Nota metodológica do relatório "O Fosso das Catástrofes", Estatística 9.1.
- 42 Forbes. (2026). "Cargill-MacMillan family". Forbes. Consultado em 21 de julho de 2026 em <https://www.forbes.com/profile/cargill-macmillan-1/>

- 43 H. Hoffower. (27 de setembro de 2019). *Income inequality in the US has hit a record high. Meet the 15 richest American family "dynasties," who have a combined net worth of \$618 billion*. Business Insider. Consultado em 21 de julho de 2026. <https://www.businessinsider.com/richest-family-wealth-dynasties-ranked-generational-wealth-fortune-net-worth-2019-2>
- 44 M. Thompson e I. Gaviria. (2004). *Cuba – Weathering the Storm: Lessons in Risk Reduction from Cuba*. Oxfam America. Consultado em 28 de julho de 2026. <https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/cuba-weathering-the-storm/>
- 45 A. Clayfield, E.J. Kirk e I. Story, I. (eds.) (2021) *Disaster Preparedness and Climate Change in Cuba: Management and Adaptation*. Bloomsbury Academic.

Sobre a Oxfam

A Oxfam é um movimento global de pessoas que lutam contra a desigualdade para acabar com a pobreza e a injustiça. Trabalhamos em várias regiões em mais de 70 países, juntamente com milhares de parceiros e aliados, apoiando as comunidades a construir uma vida melhor para si mesmas, aumentar a resiliência e proteger vidas e meios de subsistência, mesmo em tempos de crise. Escreva para qualquer uma das agências para obter mais informações ou visite www.oxfam.org.

Oxfam África do Sul (www.oxfam.org.za)

Oxfam Alemanha (www.oxfam.de)

Oxfam América (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Aotearoa (www.oxfam.org.nz)

Oxfam Austrália (www.oxfam.org.au)

Oxfam-na-Bélgica (www.oxfamsol.be)

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)

Oxfam Canadá (www.oxfam.ca)

Oxfam Colômbia (www.oxfamcolombia.org)

Oxfam Dinamarca (www.oxfam.dk)

Oxfam França (www.oxfamfrance.org)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

Oxfam Índia (www.oxfamindia.org)

Oxfam Intermón (Espanha) (www.oxfamintermon.org)

Oxfam Irlanda (www.oxfamireland.org)

Oxfam Itália (www.oxfamitalia.org)

Oxfam KEDV (www.kedv.org.tr)

Oxfam México (www.oxfammexico.org)

Oxfam Novib (Países Baixos) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam Filipinas (www.oxfam.org)

Oxfam Quebec (www.oxfam.qc.ca)